



FILOSOFIA

Do rito judeu: uma reflexão sobre a essência do judaísmo

VILÉM FLUSSER

Quem escreve estas linhas está tão afastado da vida ritual judaica que nem sequer lembra as datas das grandes festas. No entanto (e talvez por isto mesmo), se vê existencialmente confrontado com o problema da sua identificação enquanto judeu. Não apenas por causa dos desafios externos (Israel, renascimento do anti-semitismo), mas sobretudo por causa de uma indefinível necessidade interna. Pois o artigo seguinte procurará articular a conclusão penosa do seu confronto com o problema. Esta: o judaísmo é essencialmente forma de vida ritual (em significado *sui generis* do termo "rito"), e tudo o mais, como "religião", "nação", "cultura", ou "comunidade de destino", não passa de rótulos que escondem a essência do judaísmo.

O rótulo mais enganador é o da "religião", e precisa ser eliminado, para que apareça a essência do judaísmo. "Religião" é categoria romana, assumida pelo cristianismo, e

inteiramente alheia ao judaísmo. Significa, em Roma, elo que liga o homem a Rômulo, e, através dele, a todas as divindades, e destarte transforma o homem em cidadão romano. A cidade é consequência dos elos secundários que unem os religados a Rômulo: comunidade religiosa. Pois tal elo entre o homem e Rômulo é público, mas vai sendo interiorizado pela "fê" no significado romano deste termo. Podemos captar tal significado na afirmativa poética "fidem rectumque colebant" – colhiam e cultivavam a fê e o certo. A fê é o recolhimento do público sobre o privado, religião interiorizada. O cristianismo, ao se romanizar, assume tudo isto. "Religião" significa agora elo que liga o homem ao Cristo, e, através dele, a Deus. "Fê" é a interiorização deste elo. E cristão é quem participa da comunidade destarte ligada ao Cristo pela fê, pela interiorização do elo. Pois quando se fala em "religião" judaica, em "fê" judaica, em "culto" ju-

deu, está se perdendo a essência judaica, e nenhum judeu autêntico se reconhecerá sob tais categorias.

A chave para a captação da essência do judaísmo é o conceito que o judaísmo tem, explicita e implicitamente, do paganismo. Resumindo radicalmente, paganismo é vida em busca de recompensa e em fuga do castigo. Vida na qual sacrifícios são recompensados, e crimes punidos. O que caracteriza tal vida é que todo ato tem carga valorativa. Viver é movimentar-se no mundo – e o mundo está cheio de deuses. Com todo movimento, o homem esbarra contra um deus. E o deus se vinga por ter sido perturbado, a menos que seja propiciado. A vingança do deus vai restabelecer a ordem perturbada. O sacrifício antecipa a retribuição punitiva. Destarte o mundo vai se equilibrando constantemente. É um mundo do eterno retorno, denso de valores. E a vida nele é circular e angustiada. E o significado da vida lhe é conferido pelo mundo. Viver é descobrir o significado da vida: magia.

O judaísmo rasga, de golpe, tal mundo, e revoluciona tal vida. Nega a eternidade do mundo, ao postular sua criação *ex nihilo*: historiciza o mundo. Nega a densidade do mundo, ao abrir nele o vácuo do sábado, essa janela aberta para o transcendente. E nega que o mundo confere significado, ao impôr ao homem de dar "nomes", significados às coisas do mundo. Mas o judaísmo não o faz especulativamente, graças a alguma cosmologia que substitua o modelo pagão do mundo por outro modelo. O judaísmo o faz ao revolucionar a vida.

O mundo se historiciza, se abre, e deixa de ser significativo, porque o judaísmo revoluciona a vida de um pequeno grupo de homens. E tal modificação da vida se deve, no fundo, a uma re-interpretação revolucionária do rito da magia. O gesto ritual deixa de ser sacrifício que visa propiciar um deus ofendido, e passa a ser gesto gratuito, absurdo. Gesto que a nada visa. Gesto executado segundo modelo rigoroso, modelo que a nada serve. Gesto eminentemente prático, cuja práxis é pura gratuidade. À medida que a vida vai sendo estruturada, em seus mínimos detalhes, por este tipo de rito, o mundo eterno, denso e significativo do paganismo vai sendo explo-

dido. O rito judeu vai expulsando os deuses do mundo. O modelo da inversão do rito mágico em rito judeu é o "sacrifício" de Isaac, que é "sacrifício" recusado, e que não visa a recompensa. E Abraão é o pai da "fé" no significado judeu, anti-romano, do termo, por ser ele modelo de comportamento absurdo.

Pois todo judeu que vive ritualmente está engajado em revolução permanente. Porque o paganismo tende a restabelecer-se continuamente. Continuamente o mundo vai se eternizando, fechando e tornando significativo, porque os homens tendem, continuamente, a agir em busca de recompensa e em fuga do castigo. O paganismo vai se reformulando constantemente em nosso torno, assumindo sempre formas novas. Por exemplo, a forma do cristianismo, do humanismo, do cientificismo, do capitalismo, do socialismo. E, o que é pior: o próprio judaísmo se vai paginizando constantemente. Os próprios judeus querem ser recompensados e temem ser castigados, e transformam seu Deus, esse Outro inteiramente diferente, em divindade pagã que retribui e castiga. A vida ritual judaica é resposta revolucionária ao paganismo em todas as suas formas, e em todas as épocas e todos os lugares.

Viver vida judaica é aceitar e assumir a linearidade da vida aberta para a morte, aceitar e assumir o absurdo. Viver assim é tarefa quase sobre-humana. É difícil resistir à tentação de dar significado ao rito, de negar sua gratuidade, de "explicar" o rito racionalmente, a fim de evitar a consciência do absurdo. E mais difícil ainda é aceitar e assumir a morte enquanto horizonte absurdo da vida. A tentação é grande de minimizar a

morte, ao postulá-la como um "fim", ou como uma passagem para outra forma de vida. Somente quem estiver inteiramente integrado no rito escapará, por instantes fugazes, a tais tentações de querer racionalizar seus atos, e de querer "esperar" por morte tranqüila ou por recompensa celeste. Somente pessoa assim escapará, por instantes fugazes, ao paganismo.

A vida ritual judia expulsa os deuses do mundo, e com eles expulsa os valores. Doravante os valores são alhures. No paganismo, os valores es-

**"Difícil é aceitar
e assumir a morte
enquanto horizonte
absurdo da vida"**

tão no mundo: "bom" é o que é bom para algo (por exemplo: leva ao céu), e "mau" é o que implica castigo (por exemplo: leva ao inferno). No judaísmo, os valores estão alhures: "bom" é o que é bom em si, e o ato bom a nada visa, é "sua própria recompensa"; e "mau" é o que é mau em si, e o ato mau somente visa à maldade. Isto é a diferença entre crime e pecado: ato criminoso é ato que visa à recompensa injusta, e será punido; ato pecaminoso é ato que visa à pura maldade, pelo puro prazer da maldade. Pois tais valores "absolutos", "transcendentes", inteiramente inócuos para quem a eles recorre, são valores absurdos. É quase sobre-humanamente difícil viver-se com tais valores: agir bem sem esperança de recompensa, e evitar a má ação que

não será punida.

Por sua essência, pois, o judaísmo exige vida quase sobre-humanamente difícil. Mas a dificuldade desaparece para quem assumir o rito. A dificuldade, insuperável pela reflexão, desaparece na práxis. No entanto, não creio que seja possível escolher livremente tal práxis. Não me parece possível alguém se decidir, depois de reflexões como estas, de repente, a viver ritualmente. Porque vida absurda não pode ser livremente deliberada. É vivível apenas para quem nascer no seu contexto. Desconfio pois das "conversões" atualmente em voga: não se pode deliberar o absurdo. E isto me parece ser o problema fundamental da identificação com o judaísmo: não pode ser deliberada, e se o for, cheira a inautenticidade. Posso, por certo, identificar-me com o "povo" judeu, ou com a "cultura" judia, ou com o "destino" judeu; posso identificar-me com Israel, e, inclusive, posso identificar-me com a "religião" judaica, tomada como uma espécie de cristianismo. Mas tudo isto será vazio, fundamentalmente não-judeu, se não conseguir identificar-me com a vida ritual judia, o que me parece ser impossível.

No entanto, é útil relembrar a essência do judaísmo, tal como a tentei esboçar neste artigo. Ajuda a captar o anti-semitismo enquanto defesa da plenitude e do significado do mundo ameaçados pelo judaísmo. Ajuda a captar a inautenticidade da maioria dos judeus, paginizados, que defendem um judaísmo que essencialmente é antijudaísmo. E ajuda a captar o que perdemos ao nos termos afastado (ou ao termos sido afastados), da essência judia: a alegria espontânea de viver o absurdo.

Editor da
MODA

KOLTA

Calçados e Bolsas

Av. Cidade Jardim, 958 - CEP 01454
Tel.: 210-7605 - São Paulo

MAZARECH

bolsas • sapatos • palha

Rua Oscar Freire, 540 - fone: 853-5527 - S.P.
Mini Shopping Ibirapuera - lj. 5-01 - fone: 241-9720 - S.P.
Shopping da Gávea - loja 262 - fone: 294-9849 - R.J.
Rua Barão do Amazonas, 1132 - Ribeirão Preto - S.P.